

11

Desafios da educação na pandemia: uma análise do desenvolvimento da leitura e escrita nas turmas de 1º ao 4º ano da Escola Estadual Araújo Filho, no município de Parintins Amazonas- Brasil em 2021

Challenges of education in pandemic: an analysis of the development of reading and writing in classes from 1st to 4th grade Araújo Filho State School, in the City Of Parintins Amazonas-Brazil In 2021

Luciana Rodrigues Vieira

Professora Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM Especialização em Metodologia Da Educação Superior pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA. Mestre em Ciências da Educação- UANDES : <http://lattes.cnpq.br/ID:0700351910256081> <https://orcid.org/ID:0000-0002-6212-387X>

DOI: 10.47573/aya.5379.2.89.11

RESUMO

Discuti sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita de crianças do 1º ao 4º ano, após as aulas remotas, uma ponte entre a História da educação no Brasil, alfabetização, letramento, analfabetismo, desenvolvimento humano e aprendizagem, papel da escola e da família, tecnologia e educação. Objetivou conhecer as realidades das turmas do 1º ao 4º ano no desempenho da leitura pós aulas remotas, identificar os desafios pedagógicos para o desenvolvimento das habilidades diante do atual cenário pandêmico, relacionar quais os recursos, soluções e estratégias para o desenvolvimento das habilidades da linguagem. Foi desenvolvida numa Instituição de Ensino fundamental do Baixo Amazonas. Teve como sujeitos professores de Língua Portuguesa e seus alunos. O percurso metodológico foi embasado por autores como Mendes (2016), Ribeiro (1993), Marçal (1990), Belintane (2006), Gomes e Monteiro (2005), Pinto (2000), Freire (1983), entre outros autores. A pesquisa é de natureza quali-quantitativa, utilizou técnicas de coleta de dado, questionário, com perguntas abertas e fechadas. Os resultados mostram que as crianças que mais desenvolveram-se na leitura e escrita, foram alunos do 3º e 4º anos, e as crianças que menos desenvolveram a leitura e a escrita, foram o 1º e 2º ano, que retornaram do ensino remoto com muita dificuldade de ler e escrever. OS entraves que dificultam este processo se constituem desde a escolha do tema, levantamento bibliográfico, compreensão de aportes teóricos, execução da pesquisa, coleta de dados, além da falta de tempo dos orientadores.

Palavras-chave: educação. leitura. escrita. desafios. tecnologias.

ABSTRACT

I discussed the development of reading and writing skills of children from 1st to 4th grade, after the remote classes, a bridge between the History of education in Brazil, literacy, illiteracy, human development and learning, the role of school and family, technology and education. It aimed to know the realities of classes from 1st to 4th grade in the performance of reading after remote classes, identify the pedagogical challenges for the development of skills in the face of the current pandemic scenario, relate which resources, solutions and strategies for the development of language skills. It was developed in an elementary school institution in Baixo Amazonas. The subjects were Portuguese Language teachers and their students. The methodological path was based on authors such as Mendes (2016), Ribeiro (1993), Marçal (1990), Belintane (2006), Gomes and Monteiro (2005), Pinto (2000), Freire (1983), among others. The research is quali-quantitative in nature, using data collection techniques, a questionnaire, with open and closed questions. The results show that the children who developed the most in reading and writing were students in the 3rd and 4th grades, and the children who developed the least in reading and writing were in the 1st and 2nd grades, who returned from remote school with great difficulty in reading and writing. The obstacles that hinder this process are constituted since the choice of the theme, bibliographical survey, understanding of theoretical contributions, execution of the research, data collection, besides the lack of time of the advisors.

Keywords: education. reading. writing. challenges. technologies.

INTRODUÇÃO

A leitura e escrita são habilidades fundamentais para o desenvolvimento intelectual do ser humano, sendo estes impulsionadores de aprendizagem nas várias disciplinas escolares e áreas do conhecimento, é através da leitura que o ser humano conhece, explora e interpreta o mundo. A leitura começa desde a observação, através da apreciação de imagens, até o domínio e decodificação dos símbolos que promovem a representação desta realidade através da escrita.

Ler e Escrever são habilidades necessárias a serem desenvolvidas no Ensino fundamental, base necessária para o avanço das aprendizagens nas séries subsequentes, que já requerem do aluno autonomia no estudo das disciplinas em seus exercícios de pesquisa e interpretação, além de transição de conteúdo. O referido trabalho desenvolveu uma análise das realidades vividas pelos educadores e os desafios educacionais no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita nas turmas de 1º ao 4º ano da Escola Estadual Araújo Filho, no período pandêmico de 2021, onde as turmas tiveram que estudar através de aulas remotas, visto que as aulas presenciais ainda eram sinônimo de risco para contaminar alunos e professores comocovid-19.

Portanto, o estudo teceu reflexões do que se alcançou com as aulas remotas e o que se reflete com o retorno das aulas presenciais, diante do olhar dos profissionais da educação que ministram as disciplinas de Língua Portuguesa.

ALFABETIZAÇÃO E ANALFABETISMO NO BRASIL

A educação para alfabetização iniciou no Brasil com os Jesuítas, no qual desenvolveram a catequização e por seguinte a instalação das primeiras escolas católicas, sendo a primeira instalada no Bahia. A educação primária foi sendo desenvolvida, porém nem todos tinham direito a este processo tão necessário para se relacionar e interpretar o mundo a educação no Brasil era totalmente excludente.

A alfabetização começa a despontar como preocupação no final do século XIX, como aponta MORTATTI (2004, p.2).

Em nosso país, desde o final do século XIX, especialmente com a proclamação da República, a educação ganhou destaque como uma das utopias da modernidade. A escola, por sua vez, consolidou-se como lugar necessariamente institucionalizado para o preparo das novas gerações, com vistas a atender aos ideais do Estado republicano, pautado pela necessidade de instauração de uma nova ordem política e social; e a universalização da escola assumiu importante papel como instrumento de modernização e progresso do Estado-Nação, como principal propulsora do “esclarecimento das massas iletradas.

A escola primária apesar dos poucos investimentos, professores se esforçam para formação do cidadão nas habilidades da leitura e escrita, empregam a utilização de vários métodos de ensino tradicional, a escola até o final do império dispunha de material não satisfatório para o ensino da leitura e da escrita, daí foram surgindo as primeiras cartilhas que auxiliaram os primeiros passos da alfabetização no país, empregando vários tipos de metodologia da leitura e escrita.

Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da "parte" para o "todo"): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas letras e/ou sons e/ou sílabas e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, esta se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras. MORTATTI (2006, p.5)

Assim vai caminhando o processo educativo no Brasil, surgindo as metodologias que de alguma maneira buscou alfabetizar, empregando métodos e técnicas para alcançar os objetivos de formação do cidadão nas habilidades da leitura e escrita. Quando a educação passa a ser promulgada como direito de todos e a ser gratuita por natureza, foi a partir da Constituição de 1824 e por seguinte reformulada em 1988:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996) II - progressiva universalização do ensino médio gratuito;

O direito educacional é vitória do povo, porém não se aplicava como se concebia, pois, o Brasil dentro de um contexto multicultural, país rico pelo contingente dos recursos naturais, mas com inúmeras diferenças sociais, não refletiu riqueza no crescimento igualitário para sua população, formada por índios, brancos e negros, o paradigma educacional voltava-se para uma educação tradicional, imersa nos interesses da burguesia/comércio, classe abastarda da sociedade brasileira e políticos. Foram inúmeros os problemas sociais e econômicos, que atingiam os brasileiros, e poucos foram os que participaram de aulas e obtiveram uma formação primária, secundária, no que tange a educação superior a grande maioria estava longe de conseguir ingressar no ensino superior. RIBEIRO (1993, p.27).

A lei 5692/71 tinha como principal preocupação a Profissionalização. Seu objetivo era dar ao nível médio, uma terminalidade profissional, de modo a atenuar as pressões exercidas pelos estudantes que não conseguiam ser aprovados nos vestibulares. Os que precisassem trabalhar abandonariam as escolas ao concluir o secundário, já que possuíam uma especialização e poderiam enfrentar o mercado de trabalho. Anos mais tarde virá a Lei 7044, de 18 de outubro de 1982, alterando substancialmente dispositivos da lei 5692/71.

Oferecer um ensino gratuito, mas que infelizmente nem todos tiveram acesso, então, a luta pela erradicação do analfabetismo perdura até nos dias de hoje. Durante muito tempo este ainda é um dos vilões da educação, atinge milhões de pessoas no país, para isso o governo implementou formações de professores alfabetizadores, mas que não foi suficiente para a transformação significativa. Muitas políticas públicas foram implementadas como Programa Nacional do Livro Didático, PCNS-Parâmetros Curriculares Nacionais e Guias Curriculares Nacionais. A educação estava caminhando para renovar seus métodos e estrutura, para atingir seus objetivos, porém nem todo esforço dessas implementações conseguiram vencer o abandono escola e o analfabetismo, BELINTANE (2006, p.263).

Apesar da importância desse movimento de renovação da educação, as avaliações nacionais e regionais evidenciam um quadro não muito diferente do que já se exibía nas décadas de 1970 e 1980. Se antes preponderava a evasão escolar, hoje preponderam as imensas dificuldades de leitura e as defasagens nas correlações esperadas de competência/série (ou ciclo).

Refletir sobre a educação Básica como promotora do ensino da leitura, escrita e interpretação, é pensar em formar cidadãos letrados, é planejar um país longe do analfabetismo, criar oportunidades para o desenvolvimento social. Porém, as pesquisas, infelizmente apontam dados que ainda demonstram um grande número de brasileiros analfabetos, IBGE (2012-2019), reflete os seguintes resultados no Brasil:

No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2019, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos). A taxa de 2018 havia sido 6,8%. Esta redução de 0,2 pontos percentuais no número de analfabetos do país, corresponde a uma queda de pouco mais de 200 mil pessoas analfabetas em 2019. A Região Nordeste apresentou a maior taxa de analfabetismo (13,9%). Isto representa uma taxa aproximadamente, quatro vezes maior do que as taxas estimadas para as Regiões Sudeste e Sul (ambas com 3,3%). Na Região Norte essa taxa foi 7,6 % e no Centro-Oeste, 4,9%. A taxa de analfabetismo para os homens de 15 anos ou mais de idade foi 6,9% e para as mulheres, 6,3%. Para as pessoas pretas ou pardas (8,9%), a taxa de analfabetismo foi mais que o dobro da observada entre as pessoas brancas (3,6%).

Infraestruturas nas escolas, valorização dos profissionais, cursos permanentes de formação, poderiam ser os investimentos educacionais, que poderiam favorecer positivamente a qualidade da educação ofertada nas escolas brasileiras. Valorizar a educação e apontar rumos de avanços são necessários para acabar com o analfabetismo. O conceito de analfabetismo é explicado da seguinte maneira pelo PNA-Plano nacional de Educação (2019, p.19): “Com efeito, analfabetismo funcional designa a condição daquele que possui habilidades limitadas de leitura e compreensão de texto. O termo “funcional” o distingue do analfabetismo absoluto, que é o analfabetismo em sentido estrito, ou a condição daquele que não sabe ler nem escrever”.

O analfabetismo no Brasil, no contexto do contingente de jovens e crianças, segundo PINTO (2000, p.519) expõe:

É doloroso constatar que, no Brasil, 35% dos analfabetos já frequentaram a escola. As razões para o fracasso do País na alfabetização de seus jovens são várias: escola de baixa qualidade, em especial nas regiões mais pobres do País e nos bairros mais pobres das grandes cidades, trabalho precoce, baixa escolarização dos pais, despreparo da rede de ensino para lidar com essa população. O mais preocupante é que, a despeito dos avanços conquistados, ainda observamos o baixo desempenho dos sistemas de ensino, caracterizado pelas baixas taxas de sucesso escolar, sobretudo nos primeiros anos de escolaridade, e, o que é pior, atingindo as crianças mais jovens.

Cogitar uma educação que rompe com a falta de acesso e permanência dos estudantes nas escolas, significa buscar alternativas de transformação para assim a educação atingir seu fim: o desenvolvimento pleno do estudante e sua formação para o mercado de trabalho e conseqüentemente promover um país mais humanizado. As avaliações do ensino básico nos tempos atuais, revelam ainda que a crise na educação ainda é presente, demonstra que todas as crianças brasileiras precisam estar e vivenciar na escola um ensino de qualidade, onde as habilidades fundamentais da educação básica devem ser concretizadas.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: SIGNIFICADOS PEDAGÓGICOS E SOCIAIS

O significado pedagógico de alfabetização e letramento, passa pela teorização e práticas do professor, concepção de aluno, compreensão do processo ensino aprendizagem e contextualização de uma sociedade. No Brasil, a alfabetização foi se constituindo por inúmeros métodos e paradigmas que de alguma forma objetivavam sempre o desenvolvimento do estudante na leitura e escrita, dessa forma apresenta BELINTANE (2006, p. 263):

Desde o final século XIX, o ensino da leitura vem sendo submetido a uma polaridade discursiva que opõe, de um lado, as linhas teóricas que acentuam a importância do código no processo da aprendizagem da leitura (métodos alfabético, silábico, fônico e outros), cuja entrada no ensino se dá a partir de uma rígida sistematização das fases iniciais da aprendizagem e cuja premissa básica assume que a leitura fluente resulta de um domínio seguro da correlação entre as unidades mínimas da fala e as da escrita. De outro, posicionam-se as linhas que dão relevo aos sentidos prévios construídos pelo leitor e a suas habilidades em utilizar-se de conhecimentos já assimilados para monitorar o processo de leitura, cuja entrada no ensino valoriza, entre outros, a cultura, a construção do conhecimento e a interatividade (métodos globais; ideográficos; construtivismo; socio interacionismo e outros).

Neste sentido a educação busca de alguma forma alinhar ensino e aprendizagem, com foco na criança passar a compreensão e domínio dos símbolos alfabéticos, para assim, decifrar e interpretar o que o mundo produz através e com estes símbolos. Alfabetização e letramento significa processo educacional, onde ser humano e símbolos são peças fundamentais para o exercício da aprendizagem, então compreende-se que o ser humano, ao deter a compreensão e conseqüentemente a aprendizagem, dota-se de habilidades para usar e interagir através da leitura e escrita, para isso é necessário compreender essas duas palavras com significados distintos, de acordo com SOARES E BATISTA (2005, p.24):

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas; seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização.

O conceito de letramento descrito acima, direciona-nos imaginar também o sistema educacional de ensino e o fazer do trabalho pedagógico. O processo de alfabetização e letramento deve olhar também pela ótica das múltiplas inteligências que existem na sala de aula, aproveitando a curiosidade das crianças para assim, propor um processo de alfabetização criativo, prazeroso e significativo.

Diante dos temas alfabetização e letramento, há a preocupação do desenvolvimento da linguagem oral, pois a partir dela a pessoa se expressa, expõe ideias, entendimentos, questionamentos e dúvidas. A linguagem oral precisa de toda uma estrutura orgânica necessária para ela se desenvolver. Todo um conjunto orgânico, pedagógico e cultural se faz necessário. Se espera que o estímulo da fala inicie desde a primeira infância, pois ao ouvir ou receber estímulos a criança vai incorporando em sua estrutura cognitiva, comportamentos que fazem-na assimilar os padrões, a língua, a cultura na qual está inserida, dessa maneira se torna a própria cultura. Segundo, GOMES & MONTEIRO (2005, p. 20):

A criança ao desenhar ela já se relaciona com o mundo, percebe as coisas, toca, sente, ver, interage com o ambiente, balbucia suas primeiras palavras, até conseguir incorporar as ca-

racterísticas nas quais está inserida, para assim se expressar com palavras e a própria escrita de sua cultura. A escrita, também surge desde que a criança começa a realizar suas primeiras impressões, riscos, desenhos, até que seu processo cognitivo incorpore o conhecimento dos símbolos alfabéticos e dominá-los. Alfabetizar é ensinar esta simbologia de letras, que uma cultura produziu para se comunicar, segundo SOARES (2009,p.39) alfabetizar é: “*Resultadoda ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita*”. A educação defendida e apresentada por Emília Ferreiro, é aquela que o educador percebe seu aluno, seus interesses, curiosidades, sua leitura de mundo, tudo o que traz consigo, para servir como guia e pistas para o Educador propor práticas pedagógicas que favoreçam a aprendizagem. Segundo seus estudos a criança passa por fases de desenvolvimento, sendo elas descritas como: 1ª fase: pré-silábica, 2ª silábica 3ª fase: silábica-alfabética, 4ª fase: Nível alfabético. Se faz necessário compreender esses significados dentro do processo de alfabetização.

No primeiro período se consegue a distinção entre as marcas gráficas figurais e não figurativas; ou seja, ao desenhar a criança está sob o domínio do icônico, o desenho representa a forma dos objetos, as crianças estão na fase pré-escolar. De acordo com os estudos de FERREIRO (2006, p.19).

No primeiro período se conseguem as duas distinções básicas que sustentarão as construções subsequentes: a diferenciação entre as marcas gráficas figurativas e não-figurativas, por um lado, e a constituição da escrita como objeto substituto, por outro. A distinção entre “desenhar” e “escrever” é de fundamental importância (quaisquer que sejam os vocábulos com que se designam especificamente essas ações). Ao desenhar se está no domínio do icônico; as formas dos grafismos importam porque reproduzem a forma dos objetos. Ao escrever se está fora do domínio do icônico: as formas dos grafismos não reproduzem a forma dos objetos, nem sua ordenação espacial reproduz o contorno dos mesmos.

Diante disso, a primeira fase ou período de desenvolvimento da escrita, a criança ainda não associa fonemas e letras, representa o mundo através de desenhos. Na 2ª fase de desenvolvimento da escrita, a criança já começa a variar no eixo quantitativo e qualitativo, ou seja, aumenta o uso de letras para representar um nome, variando até mesmo na posição das mesmas. Aos poucos vai adquirindo e absorvendo o domínio da representação escrita, como o 2º período ou fase, já há uma diferenciação entre desenho e escrita.

Nos dois primeiros períodos ou fases de desenvolvimento da escrita, a criança ainda não relaciona letra e sons. Sobre esta segunda fase (FERREIRO,2006, p. 24):

As crianças exploram então critérios que lhes permitem, às vezes, variações sobre o eixo quantitativo (variar a quantidade de letras de uma escrita para outra, para obter escritas diferentes), e às vezes, sobre o eixo qualitativo (variar o repertório de letras que utiliza de uma escrita para outra; variar a posição das mesmas letras sem modificar a quantidade).

A criança começa a se preparar para a 3ª fase, no qual percebe as propriedades sonoras, identificando-as, nesse sentido, a criança inicia a associação de som e escrita. Compreende que as palavras escritas são compostas de letras que podem corresponder a partes maiores, ou seja, podem ser constituídas de sílabas, identificando-as na sonoridade, obtendo assim, a consciência fonológica, como aponta FERREIRO (2006, p. 25):

Esta hipótese silábica é da maior importância, por duas razões: permite obter um critério geral para regular as variações na quantidade de letras que devem ser escritas, e centra a atenção da criança nas variações sonoras entre as palavras. No entanto, a hipótese silábica, cria suas próprias condições de contradição: contradição entre controle silábico e a quantidade mínima de letras que uma escrita deve possuir para ser interpretável.

Nesta fase silábica-alfabética, as crianças conseguem perceber que as palavras se diferenciam pelas quantidades de letras, sons das letras e sílabas, estão incorporando um aprendizado necessário para próximo nível, o nível alfabético. Nesta fase alfabética a criança já domina o conhecimento de letras, sons e sabe escrever as mesmas, incorporando as regras gramaticais da Língua. É importante conhecer os métodos, os significados que eles têm, para se compreender a prática do ensino e aprendizagem na escola, pode ser complexo, mas os educadores já conseguem empregar seus usos e obter resultados. As práticas de alfabetização são importantes para a promoção do ensino das linguagens, pensar metodologias, currículo, projeto político pedagógico das escolas e outras resoluções importantes, são pequenos rumos de mudança para o ensino aprendizagem da alfabetização e letramento.

Conhecer os níveis de escrita são necessárias para se compreender como acontece o desenvolvimento do estudante, fica mais fácil pensar em atividades diferenciadas que visem favorecer o ensino - aprendizagem e planejamento de uma escola mais lúdica e criativa para a criança. Sobre Métodos, MORTATTI (2006, p.15)

[...] questão dos métodos é tão importante (mas não a única, nem a mais importante) quanto as muitas outras envolvidas nesse processo multifacetado, que vem apresentando como seu maior desafio a busca de soluções para as dificuldades de nossas crianças em aprender a ler e escrever e de nossos professores em ensiná-las. E qualquer discussão sobre métodos de alfabetização que se queira rigorosa e responsável, portanto, não pode desconsiderar o fato de que um método de ensino é apenas um dos aspectos de uma teoria educacional relacionada com uma teoria do conhecimento e comum projeto político e social.

O governo federal vem implementando políticas públicas para promover a alfabetização de crianças na idade certa, o programa a qual recebe o nome de PNAC Pacto nacional para a Alfabetização, oferece formações continuadas e cursos de metodologias didáticas.

METODOLOGIA

A pesquisa educacional se configura com o enfoque qualiquanti, ou seja, qualitativa pois, emprega a descrição acerca do objeto da pesquisa, e quantitativa, porque faz isso a partir de dados que foram obtidos pela pesquisa de campo, no qual empregou como técnicas o uso de questionário semiestruturado, com perguntas abertas, fechadas e de múltipla escolha, aos participantes da pesquisa. Sobre a pesquisa qualitativa, PRODANOV (2013, p.70) ressalta que:

“Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo.”.

Esta pesquisa educacional combinou dois tipos de pesquisa, ou seja, tem um olhar misto, empregando enfoque qualiquantitativo, ao mesmo tempo que é exploratória, partindo de uma análise bibliográfica, com base em várias fontes científicas, também é quantitativa, pois realizou uma análise numérica dos questionários, quantificando os seus dados em tabelas e gráficos, qualitativamente especificando e descrevendo os pormenores das questões investigadas, olhando os elementos que envolvem o objeto de estudo.

Pesquisa é descritiva, pois discorre sobre o objeto de estudo, descrevendo o fenômeno e assim tecendo análises com as hipóteses levantadas, segundo Gil (2002,p.42):

“As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações com as variáveis”

Diante disso, se fez um olhar descritivo do que se investigou, relatando com fidedignidade o que se alcançou com a aplicação de cada etapa da pesquisa, buscando construir o conhecimento científico com clareza e ética.

O estudo é caracterizado no método indutivo, pois parte de uma hipótese levantada, buscando responder as inquietações a qual levou a investigadora a produzir os passos deste trabalho. Este método é explicado assim, segundo MENDES (2016, p.67):

A definição mais simples e mais comum sobre o método indutivo é: O método indutivo é a modalidade de raciocínio que, a partir de premissas ou argumentos particulares, chega a conclusões gerais ou universais [...]. É o mais comum em pesquisas científicas, pois observa, registra, analisa e classifica fatos específicos, tirando conclusões mais abertas e possíveis generalizações.

Nesta visão indutiva se baseia este estudo, atento as variáveis apontadas, buscando verificar se as mesmas se confirmam ou não, para assim construir generalizações, ou inferências sobre os fenômenos investigados, desta maneira DINIZ,2008, p.04.

“Os argumentos indutivos criam um exercício para o pensar cujo caminho é feito de observações particulares (premissa), tomadas a priori como verdadeiras, a generalizações conceituais (conclusões) que podem ser verdadeiras. A verdade não está implícita na conclusão”.

Utilizando-se deste método a pesquisa se desenhou e foi aplicada, conseguindo respostas ao que foi levantado como premissas, concluindo-se com uma visão profunda do campo no qual se investigou.

DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O contexto da pesquisa é a Escola Estadual Araújo Filho, que está localizada na rua Rui Barbosa, número 110, Centro. Seu prédio é patrimônio histórico, desde o ano de 1998, pois foi o primeiro prédio da cidade de Parintins. Dessa maneira a história da escola se inicia em 1803 com o começo da sua construção até 1808, no qual serviu de moradia para o fundador da cidade, José Pedro cordovil. Em 1848 o prédio passou a ser a 1ª primeira do Sexo Masculino, somente em 1857, o ensino se estendeu ao Sexo Feminino. Em 1928 a Escola passou a ser denominada: “Monteiro de Souza”, em Homenagem ao Professor Antônio Monteiro de Souza”, somente em 1931 a escola passa a se chamar Grupo Escolar Araújo Filho, em homenagem ao advogado Francisco Pedro de Araújo Filho.

A Escola Estadual Araújo Filho, atende crianças 362 alunos na cidade de Parintins-AM, de 1º ao 5º ano em 6 salas de aula, com turmas no turno matutino e vespertino, além de uma sala Multifuncional para atendimento do alunado da Educação Especial matriculados na escola e de outras da mesma rede; possui biblioteca, refeitório, cozinha, sala de professores, secretaria, diretoria, além de sala de informática, é notadamente premiada por seus efetivos serviços educacionais ofertados à sociedade Parintinense, formando crianças através do ensino fundamental/ ciclo, se destacando nas avaliações internas e externas, além de ser destaque em gestão, dessa maneira buscando aprofundar seus trabalhos educacionais a cada ano.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados estão apresentados em forma de gráficos e tabelas, quantificando o universo e a amostra da pesquisa, porém seus dados qualitativos serão exibidos com dados codificados, descrevendo o objeto de estudo e os resultados obtidos através dos questionários;

Análise dos dados

Após a coleta de dados por meio dos instrumentos escolhidos, cabe ao pesquisador se organizar para analisá-los. E analisar os dados, significa segundo (ANDRÉ E LÜDKE 1986, p. 45) “Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”.

Dentro do contexto da pesquisa, observou-se a motivação dos sujeitos participantes em responder aos questionários, por se tratar de um assunto que os inquietam.

Resultados Integrais da Pesquisa

Após a tabulação dos dados, notou-se que os professores participantes da pesquisa trabalham na maioria em 2 turnos, ou seja, com duas turmas diferenciadas, num quantitativo de oito turmas de alunos, sendo o 3º ano a menor turma com trinta alunos, o 4º ano, com três turmas que correspondem a oitenta e seis crianças, o 1º ano com duas turmas que correspondem à cinquenta e nove crianças e o 2º ano com duas turmas e o quantitativo de sessenta e três estudantes. De acordo com os resultados as turmas do 1º ano, retornaram com maiores dificuldades na leitura e escrita, com 100% das crianças nos níveis pré silábico e silábico alfabético, 68% das crianças das turmas do 2º ano retornaram entre os níveis pré silábico e silábico alfabético, 34% dos estudantes do 3º ano estão entre os níveis pré silábico e silábico alfabético e 19% dos estudantes das turmas de 4º ano estão entre os níveis silábico e silábico alfabético.

A pesquisa observou que as turmas que mais se desenvolveram nos aspectos da leitura e escrita durante as aulas remotas, foram as crianças de 3º e 4º ano, apenas um pequeno percentual de crianças não se desenvolveram nesses aspectos.

As turmas do 1º ano, retornaram nos níveis mais baixos de aprendizagem nas habilidades descritas, com 32% nos níveis pré silábicos, 30% nos níveis silábicos e 0% no nível alfabético. As crianças do 2º ano, com 24% iniciando o processo de leitura e escrita, se encontram nos níveis pré silábicos e 22% estão nos níveis silábicos, e apenas 32% estão excelentes nessas habilidades, estando no nível alfabético.

Portanto, conclui-se que somente as turmas de 3º e 4º ano conseguiram avançar nos aspectos de leitura e escrita e interpretação. As demais turmas foram muito afetadas negativamente pelos inúmeros fatores listados pelos professores para o pleno êxito das atividades remotas com seus alunos.

TABELAS DO QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES DO ENSINO REGULAR DA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Tabela 1 - Quantitativo de turmas por professor e série

Perguntas	Uma	Duas	Três ou mais	1º Ano	2º Ano	3ºAno	4ºAno
1	2	4	2	-	-	-	-
2	-	-	-	2	2	1	3

Fonte: VIEIRA, Luciana Rodrigues (2021)

A tabela 1, objetiva destacar o número de turmas e série que cada professor leciona e demonstra que a maioria dos professores lecionam em mais de uma turma.

Tabela 2 - Total de alunos por série investigada

Pergunta	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
3	59	63	30	86

Fonte: VIEIRA, Luciana Rodrigues (2021)

A questão três (3) do questionário, descreve o número de alunos de sua turma, a pesquisa trouxe o quantitativo de alunos por turma e gerando assim um total de alunos por série, para assim com a pesquisa detectar uma visão global de como está o nível do processo ensino aprendizagem nas habilidades de leitura e escrita.

Tabela 3 - Nível de desenvolvimento da turma na leitura

Pergunta	A	B	C	D	E	F
4	0	3	1	2	0	4

Fonte: VIEIRA, Luciana Rodrigues (2021)

Na pergunta 4, objetivou-se quantificar o nível de desenvolvimento no que se refere a leitura, por entender a necessidade de se avaliar esta habilidade tão necessária para o desenvolvimento e formação escolar da criança.

Tabela 4 - Nível de desenvolvimento na leitura e escrita reflexos das aulas remotas

Pergunta	Excelente	Bom	Regular	Péssimo
5	0	1	5	2

Fonte: VIEIRA, Luciana Rodrigues (2021)

Nesta questão, a pesquisadora buscou entender o nível de desenvolvimento obtido pela criança durante as aulas remotas e qual sua resposta à aprendizagem da leitura e escrita, durante retorno das aulas presenciais;

Tabela 5 - Fatores que influenciaram no desempenho da leitura e escrita

Pergunta	A	B
6	8	0

Fonte: VIEIRA, Luciana Rodrigues (2021)

Na questão acima, a investigação se pautou no desempenho da aprendizagem da leitura e escrita nas aulas remotas, diante de fatores que podem ter sido influenciadores no resultado do processo ensino aprendizagem. Em resposta à pergunta 7: que se objetivou descobrir os fatores

que influenciaram a leitura e a escrita, listou-se as seguintes opiniões:

Professora - 1: “A maioria não participava das aulas remotas e o desinteresse dos pais em orientar as atividades dos filhos”

Professora- 2: “não opinou”

Professora- 3, responsável pela série do 1ºano, turmas matutino e vespertino, listou as mesmas dificuldades para as duas turmas, sendo essas: “ Falta de comprometimento dos pais nas aulas remotas; assiduidade dos alunos; distanciamento social que interferiu na presença física das crianças na escola; Falta de material didático para acompanhar as aulas a distância; Ausência de aulas presenciais por um ano e meio devido ao período pandêmico, dificultou o aprendizado, principalmente dos alunos vindo do ensino infantil, alunos da faixa etária de seis anos, que vieram sem desenvolver algumas habilidades necessárias para a alfabetização.

Professora – 4: responsável pelas séries 2º ano matutino e 4º ano vespertino, elencou que: “A não participação dos alunos nas aulas remotas; O não auxílio dos pais; os pais terem realizado pelo e para as crianças;

Professora - 5: “Falta de acesso aos instrumentos tecnológicos; falta de acompanhamento familiar; falta de acesso à internet;

Professora 6: “Falta de acompanhamento em casa dos pais; participação das aulas remotas; a pandemia; De acordo com o exposto, a pesquisa demonstra o resultado em análise das opiniões das professoras que ministram a disciplina de Língua Portuguesa nas séries de 1º ao 4º ano do ensino fundamental. Os dados confirmaram que durante as aulas remotas o desempenho dos alunos não foi satisfatório, acarretando prejuízo no processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita, com isso, vários alunos estão com bastante dificuldade na leitura, interpretação textual e produção escrita.

A observação reflete também, que muitas crianças deixaram de participar das aulas remotas por falta de auxílio dos pais/família, outros por falta de recursos tecnológicos de uso familiar (celular/ internet) que corroboraram para o não avanço satisfatório da aprendizagem. Analisando a questão 8, que quantifica os alunos nos níveis: pré silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético, se obteve os seguintes resultados; Professora -1: do 1º ano matutino, tem o quantitativo de vinte e oito (28) alunos, sendo eles: oito (08) correspondem à pré-silábicos, oito (08) correspondem silábicos e doze (12) silábicos alfabéticos e zero (0) alunos alfabéticos. Professora 2-: do 1º ano vespertino: com total de trinta e um (31) alunos, indicou que onze (11) estão pré silábicos, dez (10) silábicos e dez (10) silábicos alfabéticos, e zero (0) alunos alfabéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a pandemia ainda é um problema de ordem de saúde pública que afeta o mundo inteiro, trazendo implicações nos vários setores da atividade humana. Esta pesquisa analisou as implicações da pandemia sobre a educação, refletindo sobre o desenvolvimento da leitura e da escrita nas turmas de 1º ao 4º ano.

Este estudo embasou-se nas fontes de pesquisas científicas, levando a construir sua reflexão acerca sobre a temática delimitada, desta maneira, o estudo conheceu as realidades

das turmas do 1º ao 4º ano no desempenho da leitura e escrita pós aulas remotas, analisou o desenvolvimento destas habilidades nas turmas investigadas, pela avaliação das professoras de Língua Portuguesa, identificando os desafios da Educação na pandemia.

Após as análises, a pesquisadora identificou houberam turmas que conseguiram acompanhar o ensino remoto, correspondendo satisfatoriamente ao que foi proposto pelas professoras, dessa maneira, destaca-se que as turmas que mais se desenvolveram nos aspectos da leitura e da escrita, foram os estudantes do 3º e 4º ano, sabendo ler e escrever muito bem, porém os resultados apontam que os alunos do 1º e 2º anos, retornaram com pouca aprendizagem no que se refere à leitura e a escrita, no qual os professores apontam inúmeros fatores que afetaram para o resultado negativo na aprendizagem, nos quais se destacam que muitas crianças deixaram de participar das aulas remotas por falta de auxílio dos pais/família, outros por falta de recursos tecnológicos de uso familiar (celular/ internet) que corroboraram para o não avanço satisfatório da aprendizagem.

As variáveis levantadas corroboram para o delinear do estudo, com a construção de todo os contextos importantes que permeia a temática levantada. A hipótese foi confirmada, o desenvolvimento da leitura e a da escrita estavam em um processo lento de desenvolvimento, pois muitos fatores influenciaram nesses aspectos, o retorno das crianças das aulas remotas para aulas presenciais, as professoras de Língua Portuguesa se impactaram com o baixo índice de aprendizagem nas crianças das séries menores, 1º e 2º ano, as quais necessitam muito do auxílio de um adulto para realização de suas tarefas.

Analisou-se que as turmas que mais se desenvolveram nos aspectos da leitura e da escrita, foram os estudantes do 3º e 4º ano, sabendo ler e escrever muito bem, porém os resultados apontam que os alunos do 1º e 2º anos, retornaram com pouca aprendizagem na leitura e na escrita, no qual os professores apontam inúmeros fatores que afetaram para o resultado negativo na aprendizagem, que foram: muitas crianças deixaram de participar das aulas remotas por falta de auxílio dos pais/família, outros por falta de recursos tecnológicos de uso familiar (celular/ internet) que corroboraram para o não avanço satisfatório da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LDB –Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.6. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011.

HENÁNDEZ, Sampieri Roberto Metodologia de pesquisa/Roberto Hernádes Sampieri, Calos Fernández Collado, María del Pilar Baptista Lucio; tradução: Dais Vaz de Mores; Revisão técnica: Ana Gracinda Queluz Garcia, Dirceu da Silva, Marcos Júlio. -5. ed.-Porto Alegre: Penso, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: _____. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

Gil, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social / Antônio Carlos Gil. - 6.ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 2 Ed- Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PNAIC, Documento Orientador – PNAIC em Ação 2017 Documentos sobre o PNAIC estão disponíveis em: <http://pacto.mec.gov.br/index.php>. Documento Orientador – PNAIC em Ação 2017.

Diniz, Marcelle Oliveira; Soares, Hellen Conceição Cardoso. ESCOLA E FAMÍLIA: uma aproximação necessária. Faculdade Atenas. Disponível: <http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/magazines/6___ESCOLA_E_FAMILIA_uma_aproximacao_necessaria.pdf.> 2018

Belintane, Claudemir. Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização Universidade de São Paulo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 261-277, maio/ago. 2006.

Bueno, José Geraldo Silveira Educar. Função social da escola e organização do trabalho pedagógico. Curitiba, n. 17, p. 101-110. 2001. Editora da UFPR

PINTO, José Marcelino de; Brant Liliane Lúcia Nunes de Aranha Oliveira; Sampaio, Carlos Eduardo Moreno; Pascom, Ana Roberta Pati. Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil. Avaliação: Revista brasileira de Estudo pedagógico. Brasília; v. 81, n. 199, p. 511-524, set./dez. 2000.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL:

NOTAS PARA UMA REFLEXÃO. Paideia, FFCLRP- USP, Ribeirão Preto: SP, 1993.

MORTATTI, M. R. L. HISTÓRIA DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006.